

## ENSINO DE FILOSOFIA E O PIBID COMO ESPAÇO CRIATIVO E FORMATIVO

Renis Ramos Silva <sup>1</sup>  
Manoel Coracy Saboia Dias <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho relata uma experiência pedagógica no ensino de Filosofia desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tendo como objetivo central estimular a reflexão crítica e o protagonismo estudantil. A proposta consistiu na elaboração, pelos próprios alunos, de perguntas direcionadas a outras turmas, seguidas da construção de respostas fundamentadas filosoficamente, abordando temas centrais como Ética, Política, Linguagens e Filosofia da Ciência. Essa dinâmica promoveu uma competição intelectual saudável de perguntas e respostas, na qual problemas da realidade juvenil eram tratados sob uma rigorosa perspectiva de resolução filosófica. O referencial teórico-metodológico pautou-se na defesa da Filosofia como um espaço essencial de problematização e no desenvolvimento do pensamento crítico por meio da constituição de comunidades de investigação e de uma educação problematizadora e participativa. Metodologicamente, a experiência adotou práticas dialógicas e colaborativas, alinhadas aos conceitos de aprendizagem ativa e ao potencial criativo proporcionado pela inserção da iniciação à docência no cotidiano escolar. Como principais resultados, observou-se um engajamento significativamente maior dos estudantes nas aulas, a ampliação da capacidade argumentativa e o domínio de conceitos fundamentais, além de uma compreensão mais profunda sobre a aplicabilidade da Filosofia na vida cotidiana. A prática também contribuiu para a formação dos bolsistas, ao incentivar o uso de metodologias inovadoras e estabelecer uma ponte sólida entre a universidade e a escola básica. Conclui-se que a integração entre o ensino de Filosofia e o programa de iniciação à docência cria condições favoráveis para práticas pedagógicas que unem rigor conceitual, criatividade e relevância social, contribuindo para a formação integral do estudante e para a consolidação de uma prática docente reflexiva e crítica frente aos desafios contemporâneos.

**Palavras-chave:** Filosofia, Ensino de Filosofia, PIBID, Educação, Pensamento Crítico.

### INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia no contexto escolar, conforme destaca Gallo (2010), não deve ser reduzido à transmissão de conteúdos históricos ou conceituais, mas constituir-se como um espaço privilegiado para a problematização da realidade e o exercício do pensamento crítico.

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa em Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade Federal do Acre - UFAC, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre. E-mail: [renis.silva@sou.ufac.br](mailto:renis.silva@sou.ufac.br)

<sup>2</sup> Professor Associado II da Universidade Federal do Acre. Doutor da Filosofia (USP). Pós-Doc em Teologia (FIURJ). Pós-Doc em Educação (Enber University). Docente Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, Núcleo: Ufac. E-mail: [manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com](mailto:manoel.coracy.saboia.dias@gmail.com)





Nessa perspectiva, a experiência vivenciada na prática docente relatada neste trabalho alinha-se à concepção de que a Filosofia na educação básica é um campo de formação intelectual e cidadã, conforme também defendem Aspis (2014) e Cerletti (2009).

Durante a atividade que será abordada, os estudantes foram desafiados pelo professor de filosofia e pelos bolsistas do PIBID a elaborar perguntas direcionadas a outras turmas e, a partir delas, propor respostas fundamentadas filosoficamente, gerando uma dinâmica de interação dialógica entre os grupos. Um exercício que, também, possibilitasse futuramente colocar os estudantes prontos para participarem, por exemplo, de uma Olimpíada de Filosofia. As questões formuladas emergiram de problemas concretos e próximos da realidade dos estudantes — envolvendo temas como Ética, Política, Linguagens e Filosofia da Ciência — e demandavam do participante não apenas um conhecimento conceitual, mas a capacidade de interpretar, argumentar e justificar as soluções propostas.

Essa metodologia reforça a noção de que a Filosofia, enquanto disciplina escolar, cumpre uma função formativa essencial: ensinar a pensar. Como defende Lipman (2008), é preciso criar comunidades de investigação que incentivem a reflexão compartilhada e o questionamento crítico, transformando a sala de aula em um ambiente de diálogo e construção coletiva do saber. Nesse sentido, o exercício relacionado a perguntas e respostas não se limitou a um exercício lúdico, mas configurou-se como uma estratégia pedagógica para desenvolver competências argumentativas e estimular a autonomia intelectual dos estudantes.

Além disso, essa experiência dialoga com a concepção freiriana de educação problematizadora (Freire, 1996), na qual o estudante deixa de ser um mero receptor de informações para tornar-se sujeito ativo do processo de aprendizagem, intervindo criticamente na realidade. Ao formular e responder questões, os alunos assumiram papel protagonista na produção de sentido, ampliando a compreensão de que a Filosofia não se limita a um corpo teórico, mas é uma prática viva de reflexão sobre o mundo.

## O PIBID como Espaço Criativo e Formativo

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem se configurado como um ambiente de formação docente que articula teoria e prática, promovendo a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar desde o início da graduação. Segundo Freitas (2014), o PIBID possibilita que os futuros professores experimentem





metodologias inovadoras, refletindo sobre os desafios reais do ensino e, simultaneamente, construindo repertório pedagógico.

No caso desta experiência no ensino de filosofia junto com professor de filosofia, alunos e bolsistas, o PIBID/Filosofia ofereceu as condições para que a proposta pedagógica fosse desenvolvida de forma planejada e colaborativa entre bolsistas e supervisores. O espaço adequado para o ensino-aprendizagem proporcionado pelo programa estimulou a criação de atividades que iam além da aula expositiva tradicional, incorporando elementos de gamificação (metodologia ativa) para o ensino de filosofia e, de elementos da aprendizagem colaborativa, valorizando a criatividade e a capacidade crítica dos estudantes.

Como ressaltam Gallo e Kohan (2004), a Filosofia na escola se fortalece quando os educadores conseguem criar situações de pensamento que sejam, ao mesmo tempo, instigantes e significativas. Para a realização dessa atividade e experiência o PIBID foi o catalisador dessa possibilidade, permitindo que a relação entre universidade e escola básica se tornasse um terreno fértil para experimentações pedagógicas, aproximando a realidade acadêmica (com a linguagem científica e metodologias) com a realidade escolar do professor e dos estudantes, com suas devidas dificuldades e limitações.

A proposta de uma competição de perguntas e respostas filosóficas mostrou-se eficiente não apenas para mobilizar o interesse dos estudantes, mas também para aproximar a Filosofia de questões concretas vividas no contexto escolar e social. Ao trabalhar com temas como ética e política sob uma abordagem reflexiva, os estudantes puderam perceber a aplicabilidade do pensamento filosófico no cotidiano, reforçando o papel transformador da educação.

A oficina DE.SA.FILO – Debate de Saberes Filosóficos surgiu, inicialmente, na participação do professor de filosofia no contexto do PIBID/Filosofia, quando bolsista em sua graduação, como uma proposta de metodologia ativa para estimular o pensamento crítico e a capacidade argumentativa dos estudantes. Posta em prática como oficina na escola que atuava, agora formado, como professor de filosofia e ministrando a disciplina de eletiva. Sachinski, Kawolski e Torres (2023) explicam sobre a disciplina que

Quanto às disciplinas eletivas, quando ofertadas pelas redes de ensino, entende-se que essas, como o próprio nome já explicita, serão escolhidas pelos próprios estudantes. Para que isso seja possível, as escolas devem ofertar, no mínimo, duas disciplinas para que os alunos possam fazer a escolha de uma delas. Com isso, espera-se desenvolver o protagonismo, a autonomia e a responsabilidade dos jovens, uma vez que eles mesmo poderão escolher parte de seu currículo.





As eletivas podem ter como objetivo o aprofundamento das habilidades e competências propostas pela BNCC, o estímulo à construção de um projeto de vida por parte do estudante ou a ampliação do conhecimento dos jovens acerca de uma temática específica (PARANÁ, 2021). Outra questão importante a ser ressaltada é que as eletivas devem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar e com o apoio de novas metodologias de ensino, não precisando estar, obrigatoriamente, atreladas às áreas de aprofundamento escolhidas pelos estudantes.

Ademais, as disciplinas eletivas devem considerar quatro eixos estruturantes dos itinerários formativos: Investigação Científica, Processo Criativo, Mediação e Intervenção Sociocultural e Empreendedorismo (PARANÁ, 2021). (Revista Dialogo Educacional, 2023, p.734)

O formato de oficina atendeu o requisito para a eletiva, assim como, correspondeu como uma proposta de interesse pleno dos estudantes. A oficina consistiu em promover debates a partir de questões e temas socialmente relevantes levantado pelos estudantes e frequentemente discutidas no espaço público. Após compartilhado os temas para a exposição dos problemas, os estudantes eram provocados a relacioná-los com as teorias de filósofos e filósofas estudados em sala. Os bolsistas tinham a participação de comunicação, ajuda e orientação com os grupos de estudantes criados dentro de sala de aula. Realçando a vivência e experiência da realidade escolar para o ensino de filosofia pós-pandemia, da relação com os estudantes, com os conteúdos ministrados e, claro, onde os bolsistas do PIBID tomassem para si uma postura cada vez mais segura de docente, já que eram acionados ou interrogados como professores.

O cenário pós-pandemia para o ensino de Filosofia na educação básica exige um constante esforço de ressignificação devido a área de ensino de filosofia ter sido abertamente atacada por ideologias políticas, além disso, precisa do constante esforço para buscar superar a mera transmissão enciclopédica de dados em favor de uma vivência reflexiva. Nesse contexto, programas como o PIBID consolidam-se como elos fundamentais entre a academia e o espaço escolar, permitindo que a universidade saia de sua redoma teórica para apoiar diretamente o trabalho docente no chão da escola. Essa simbiose não apenas oxigena a prática pedagógica do professor regente, mas oferece ao futuro docente – os bolsistas do programa – a oportunidade de testar metodologias que priorizem o protagonismo estudantil, transformando o aluno de espectador passivo em sujeito ativo na construção do problema filosófico.

A relevância deste relato de experiência reside na demonstração de que é possível articular o rigor conceitual exigido pela disciplina com os anseios e inquietações da realidade juvenil. Ao documentar o processo de transição do "senso comum" para a "consciência





crítica" realizado na filosofia desde a Filosofia Clássica pelo pensador Platão até o período contemporâneo por Deleuze e, aqui, por meio de dinâmicas de debate e pesquisa fundamentada, este trabalho evidencia como a Filosofia pode ser ensinada como um exercício de liberdade e investigação. A ação descrita mostra que o suporte acadêmico, quando bem integrado ao cotidiano escolar, potencializa a capacidade analítica dos estudantes, conferindo-lhes ferramentas intelectuais para navegar na complexidade de temas socialmente sensíveis.

Por fim, a análise desta intervenção pedagógica justifica-se como um subsídio necessário para futuros estudos e levantamentos na área da didática da Filosofia. Sistematizar experiências como esta permite que a comunidade acadêmica avalie a eficácia de metodologias ativas e produza novos conhecimentos educacionais que considerem a escola como um laboratório vivo de reflexão. Portanto, este registro não se esgota na prática em si, mas pretende servir como base para investigações futuras sobre a formação docente inicial e sobre como o diálogo entre teoria e prática pode fortalecer a presença da Filosofia como componente essencial para a formação integral do cidadão.

## METODOLOGIA

Metodologicamente, a oficina articulou princípios da pedagogia freiriana, ao valorizar a problematização e o diálogo como eixos centrais (Freire, 1996), e o conceito de “comunidade de investigação” proposto por Lipman (2008), no qual todos os participantes constroem conhecimento de forma colaborativa.

O formato consistiu em promover debates a partir de questões e temas socialmente relevantes levantado pelos estudantes e frequentemente discutidas no espaço público, como aborto, legalização/ descriminalização da maconha, eutanásia, sistema de cotas, *cyberbullying*, intolerância religiosa, namoro tóxico, vício em tecnologia e conexão digital, hiper proteção dos pais e responsáveis e as discussões sobre maior e menoridade penal. Cada tema era introduzido com exemplos concretos — desde relatos de situações vivenciadas pelos próprios estudantes até trechos de textos jornalísticos ou vídeos das redes sociais —, servindo como disparador para a reflexão filosófica.

Após compartilhado os temas para a exposição dos problemas, os estudantes eram provocados pelo professor de filosofia e os bolsistas do PIBID a relacioná-los com as teorias de filósofos e filósofas estudados em sala, como Aristóteles, Kant, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Michel Foucault, entre outros. Essa relação entre situações cotidianas e conceitos filosóficos permitiu que o conteúdo teórico fosse contextualizado, conferindo maior sentido e





aplicabilidade ao aprendizado, revelando a fragilidade dos estudantes em muito dos temas propostos com uma visão rasa ou um não-saber. As perguntas formuladas pelos estudantes, bem como as respostas desenvolvidas coletivamente, eram direcionadas para explorar fundamentos éticos, políticos, epistemológicos e sociais presentes nos problemas discutidos.

Por final, os estudantes separavam equipes nas salas, ficando uma equipe para a defesa sobre um dos temas enquanto outro grupo faria o lado contra o tema. O professor servia apenas como mediador para pontos distorcidos, equivocados ou desempate. Os bolsistas eram divididos entre as equipes de maneira equitativa para ajudar e orientar os estudantes.

Essa dinâmica promoveu um ambiente de protagonismo estudantil, incentivando a autonomia intelectual, a escuta ativa e a convivência democrática. Além disso, uma aproximação e participação dos bolsistas do PIBID junto aos estudantes dentro do ambiente escolar. A oficina DE.SA.FILO – Debate de Saberes Filosóficos mostrou-se um espaço criativo e formativo, unindo o rigor conceitual do ensino de Filosofia à vivência concreta dos alunos, ampliando tanto sua compreensão teórica quanto sua capacidade de intervir criticamente na realidade.

A oficina foi construída a partir de princípios da pedagogia problematizadora de Freire (1996), na qual o processo educativo parte da realidade concreta dos estudantes, valorizando o diálogo como prática libertadora. Nessa abordagem, a problematização não é apenas um recurso didático, mas um ato político e formativo, no qual o aluno deixa de ser mero receptor e assume papel ativo na construção do conhecimento. A escolha por temas próximos do cotidiano discente – como aborto, eutanásia, sistema de cotas, cyberbullying e vício em tecnologia – cumpre a função de conectar o saber escolar ao universo cultural e social dos jovens, tornando o conteúdo mais significativo e relevante.

A dinâmica foi organizada em três etapas principais:

1. Disparo Temático – apresentação de um problema real por meio de texto, notícia ou relato pessoal.
2. Formulação e Troca de Perguntas – cada grupo elaborava questões direcionadas a outra turma, incentivando a investigação recíproca.
3. Respostas e Debate Mediado – as respostas eram construídas coletivamente, relacionadas a conceitos filosóficos e discutidas com a mediação do professor, que aprofundava a análise teórica e conceitual.





Esse formato também dialoga com as contribuições de Gallo e Kohan (2004) sobre o ensino de Filosofia como prática «de situações de pensamento», nas quais o aluno é convidado a pensar “filosoficamente” sobre o mundo que o cerca. Ao aliar rigor conceitual (Aristóteles, Kant, Beauvoir, Foucault) à vivência concreta dos discentes, a oficina proporcionou um espaço formativo que incentivou protagonismo estudantil, autonomia intelectual, escuta ativa e convivência democrática. Assim, o DE.SA.FILO não apenas aproximou a Filosofia da realidade juvenil, mas também mostrou que a prática filosófica em sala de aula é possível, criativa e transformadora.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho articula a Filosofia não apenas como um conteúdo curricular, mas como uma experiência do pensamento e uma ferramenta de transformação social. Para tanto, a discussão é dividida entre a natureza do ensinar a filosofar, a estrutura da investigação coletiva e o papel transformador da iniciação à docência.

O ensino de Filosofia, conforme defendido por Gallo (2010) e Aspis (2014), distancia-se da mera transmissão de informações históricas para constituir-se como um espaço de problematização. Para esses autores, “aprender Filosofia” é, na verdade, “aprender a filosofar”, o que exige que o estudante seja confrontado com problemas que façam sentido em sua realidade. A Filosofia é entendida aqui como uma prática de criação de conceitos e de desestabilização de certezas, onde o papel do professor é mediar o encontro entre o pensamento do aluno e a tradição filosófica, transformando a sala de aula em um laboratório de experiências intelectuais.

A dinâmica de troca de perguntas e construção coletiva de respostas encontra suporte na noção de comunidade de investigação de Lipman (2008). Lipman propõe que a sala de aula deve ser um ambiente onde o diálogo é a ferramenta central. Nesse modelo, os estudantes não são apenas receptores, mas investigadores que buscam, por meio do rigor lógico e da cooperação, o aprofundamento de questões éticas e sociais. A investigação mútua estimula o pensamento crítico, criativo e cuidadoso, permitindo que os alunos reconheçam a validade dos argumentos alheios enquanto refinam os seus próprios.

A base política e ética desta experiência repousa na pedagogia da autonomia de Freire (1996). Freire critica a “educação bancária” — meramente depositária — e propõe uma educação problematizadora. Sob essa ótica, o aprendizado parte da leitura do mundo para chegar à leitura da palavra (ou do conceito). O protagonismo estudantil, observado no relato, é





o resultado direto de uma prática que respeita os saberes prévios dos alunos e os convida a intervir na realidade de forma crítica. Ao debaterem temas como ética e política a partir de situações reais, os estudantes exercitam a "curiosidade epistemológica" essencial para a cidadania plena.

Por fim, a viabilidade dessas metodologias inovadoras é potencializada pela estrutura do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Como aponta Freitas (2014), o programa atua como um "terceiro espaço" de formação, rompendo o isolamento entre a universidade e a escola básica. O PIBID permite que o licenciando e o professor supervisor experimentem o potencial criativo da docência, testando metodologias que muitas vezes a rigidez do cotidiano escolar tradicional impediria. É nessa ponte sólida que a teoria acadêmica ganha corpo e os problemas da escola tornam-se objeto de estudo e intervenção pedagógica consciente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência resultou em maior participação ativa dos alunos, fortalecimento da argumentação e ampliação da capacidade de relacionar problemas cotidianos a teorias filosóficas. Observou-se também o desenvolvimento da autonomia intelectual, da escuta ativa e da postura crítica diante de temas polêmicos. Para o professor em formação, a vivência consolidou práticas pedagógicas inovadoras, reforçando a importância do PIBID como ponte entre universidade e escola. A oficina demonstrou ser uma metodologia pedagógica eficaz para tornar o ensino de Filosofia mais dinâmico, contextualizado e socialmente relevante.

A intervenção realizada por meio da oficina apresentou efeitos qualitativos e multifacetados sobre o desempenho discente em tarefas filosóficas, ao mesmo tempo em que evidenciou lacunas estruturais na compreensão e aplicação da filosofia pelos jovens. Os resultados a seguir sintetizam as observações sistematizadas durante as sessões, sustentadas por evidências qualitativas (participação, natureza das intervenções dos alunos, produção oral e escrita, registros de avaliação formativa e relatos dos bolsistas do PIBID).

Mais alunos se manifestaram nas aulas, relataram experiências pessoais e participaram ativamente das dinâmicas de perguntas e respostas. A dinamicidade do formato (problema real → referência teórica → argumentação) favoreceu a apropriação inicial dos temas e uma atitude investigativa, consistente com a ideia de “comunidade de investigação” (Lipman). Esse engajamento, contudo, nem sempre se traduziu imediatamente em compreensão conceitual aprofundada — foi muitas vezes o primeiro passo para a problematização.





Nas discussões sobre temas éticos (aborto, eutanásia, vícios/virtudes etc.) emergiu um padrão em que os estudantes mobilizam opiniões fortes (Doxa), frequentemente baseadas em intuições morais, sentimentos ou normas sociais, mas exibem compreensão rasa dos conceitos filosóficos. Antes da mediação filosófica, prevalecia linguagem normativa vaga (ex.: “isso é certo/errado”) e confusão entre juízo de valor e justificativa argumentativa. Com a intervenção do professor — que introduzia distinções teóricas (virtude/vice na perspectiva aristotélica, dever na ótica kantiana, cálculo de consequências em utilitarismos).

Observou-se um avanço por parte dos estudantes que começaram a distinguir argumentos normativos de descrições, a reconhecer pressupostos e a formular justificativas mais articuladas. Ainda assim, muitos permanecem distantes de uma aplicação consistente das tradições éticas; a apropriação requer tempo e prática reiterada.

As análises mostraram alta frequência de falácias informais no discurso juvenil (apelo à emoção, falsa dicotomia, ataque pessoal, generalização apressada, apelo à popularidade). A tendência a transformar opinião em prova (afirmações sem sustentação) era recorrente. A ação pedagógica focada em identificação e desconstrução de falácias — por meio de exercícios guiados e do modelo de argumentação (ex.: reivindicação, razão, evidência, contra-argumento) — promovendo melhora visível na estrutura dos argumentos já que os alunos passaram a apresentar razões, buscar exemplos e considerar objeções. Contudo, a resistência a revisar crenças identitárias e emocionais mostrou-se uma barreira persistente.

A oficina favoreceu o desenvolvimento de metacognição no momento em que muitos alunos passaram a problematizar suas próprias posições, perguntar “por que penso assim?” e a reconhecer vieses discursivos. A prática coletiva ampliou a escuta ativa e a capacidade de formular perguntas mais precisas — um ganho central, pois aprender a perguntar é etapa prévia da investigação filosófica. Ainda assim, a retenção dessa postura crítica variou entre estudantes; para alguns, a postura crítica foi superficial e dependente da mediação constante do professor.

Para o professor e para os bolsistas do PIBID, a experiência confirmou a necessidade de estratégias de *scaffolding*<sup>3</sup> contínuo (questionamento socrático, clarificação conceitual, modelagem de argumentação). Observou-se também que intervenções pontuais geram efeitos limitados, já que para a consolidação de competências filosóficas exige planejamento curricular integrado e tempo para reiteração.

<sup>3</sup> *Scaffolding* ou andaimes, em português é uma metodologia de ensino onde o professor oferece suporte temporário e estruturado aos alunos para que eles possam alcançar objetivos de aprendizagem que, sozinhos, talvez não conseguissem atingir





Os resultados apontam que, embora a metodologia ativa pela oficina incrementalmente engajamento e melhorem a capacidade argumentativa inicial, os estudantes ainda estão distantes de uma compreensão e aplicação adequadas da filosofia. Isso implica três direções pedagógicas (a) ensino explícito de noções básicas de lógica informal e análise de falácias; (b) trabalho sistemático com formação conceitual (definições, condições de aplicação, limites); (c) avaliação formativa que privilegie qualidade argumentativa, consideração de contraprovas e uso de referenciais teóricos.

Para compreender a evolução do pensamento dos estudantes durante a oficina DE.SA.FILO, sistematizamos aqui os resultados do processo de aprendizagem no diagrama abaixo (Figura 1). Este esquema visual ilustra o deslocamento do estágio de opinião acrítica (*Doxa*) para o exercício do pensamento rigoroso e fundamentado, evidenciando o papel central da mediação pedagógica.

**Fig. 01 - Diagrama de Transição da *Doxa* (Opinião) ao Argumento Filosófico**

- **Ponto de Partida:** *Doxa* (Opiniões fortes, falácias informais, linguagem normativa vaga).
- **O “Salto” (Mediação):** Oficina DE.SA.FILO + Aporte Teórico (Aristóteles, Kant, etc.) + Desconstrução de Falácias.
- **Ponto de Chegada:** Argumentação Fundamentada (Distinção entre valor e fato, reconhecimento de pressupostos, escuta ativa).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

### A Resistência da *Doxa*

Inicialmente, os resultados apontam que a postura dos discentes estava ancorada na *Doxa*. Conforme observado nos debates sobre temas como eutanásia e maioridade penal, o discurso era marcado por uma linguagem normativa vaga e pelo uso recorrente de falácias informais. Nesse estágio, a opinião é confundida com prova, e o "eu acho" prevalece sobre a análise de pressupostos. A estrutura argumentativa era frágil, baseada em intuições morais imediatas, sem o distanciamento necessário para a problematização.

### O “Salto” Metodológico e o *Scaffolding* do PIBID

O movimento de transição, identificado no diagrama como o “Salto de Mediação”, foi provocado pela aplicação do aporte teórico (Aristóteles, Kant, Arendt, entre outros) e pela desconstrução dirigida de falácias. O papel dos bolsistas do PIBID foi o de oferecer o *scaffolding* (andaime) com o suporte temporário que permitiu aos alunos identificar as





contradições em seus próprios discursos. A transição não ocorreu de forma espontânea, mas através do confronto entre o senso comum e os conceitos filosóficos, transformando a "visão rasa" em uma dúvida produtiva.

### **O ponto de chegada com argumentação fundamentada e metacognição**

O ponto final alcançado, a argumentação fundamentada, caracteriza-se por um nível de uma autonomia intelectual inicial. Os estudantes passaram a demonstrar competências de escuta ativa e a capacidade de distinguir entre juízos de valor e descrições factuais. Mais do que apenas acertar respostas, o ganho central foi a metacognição com a capacidade de o aluno reconhecer seus próprios vieses e revisar suas posições diante de contra-argumentos sólidos. Embora alguns estudantes ainda demandem mediação constante, o deslocamento observado na Figura 1 válida a eficácia da oficina como ferramenta de emancipação intelectual no espaço escolar.

Com isso, oficina DE.SA.FILO mostrou-se eficaz para despertar interesse e melhorar estruturas básicas de argumentação, mas revelou também a profundidade do desafio — transformar opinião em argumento filosófico exige intervenção contínua, explicitação de procedimentos argumentativos e práticas curriculares prolongadas.

Assim, o PIBID não apenas contribuiu para o aperfeiçoamento da prática docente do professor de Filosofia, mas também para a construção de um espaço formativo que alia rigor conceitual, criatividade pedagógica e protagonismo estudantil. Essa experiência demonstra que, quando a Filosofia é ensinada de forma viva e dialógica, ela transcende a condição de disciplina curricular e se transforma em uma prática social de emancipação intelectual.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência relatada com a oficina DE.SA.FILO – Debate de Saberes Filosóficos demonstra que o ensino de Filosofia, quando associado a metodologias ativas e contextualizadas, pode ampliar de forma significativa o engajamento e a capacidade argumentativa dos estudantes. O formato dialógico, baseado em problemas reais do cotidiano escolar e social, permitiu aos alunos relacionar suas vivências com conceitos filosóficos clássicos e contemporâneos, estabelecendo pontes entre teoria e prática. Esse processo, no entanto, revelou não apenas avanços, mas também a complexidade do desafio pedagógico em





transformar opiniões espontâneas em argumentações fundamentadas e consistentes requer tempo, mediação qualificada e práticas reiteradas.

Nesse contexto, o PIBID mostrou-se um espaço privilegiado de formação docente, ao possibilitar que bolsistas (da área afim) e professores em exercício pudessem planejar, experimentar e refletir sobre estratégias inovadoras no ensino de Filosofia. Ao aproximar universidade e escola, o programa fortalece a dimensão investigativa da prática docente e contribui para que o professor em formação desenvolva competências essenciais, como a mediação dialógica, a problematização freiriana e a condução de debates críticos.

Assim, a integração entre PIBID e ensino de Filosofia não se limita a uma parceria institucional, mas constitui uma oportunidade de efetivar um ensino vivo, que valoriza o pensamento crítico, a autonomia intelectual e o protagonismo estudantil. A oficina DE.SA.FILO evidenciou que, mesmo diante de dificuldades conceituais e argumentativas iniciais, é possível avançar na formação de sujeitos mais conscientes, capazes de compreender, questionar e intervir de forma ética e fundamentada na realidade que os cerca.

## REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata. *Ensinar Filosofia na Educação Básica*. São Paulo: Autêntica, 2014.

CERLETTI, Alejandro. *A filosofia no ensino médio: problemas e perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. *PIBID e formação de professores: inovação e desafios*. Educação & Sociedade, v. 35, n. 129, 2014.

GALLO, Sílvio. *Filosofia na escola: para que?*. Campinas: Papyrus, 2010.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter. *Filosofia na escola: Ensaio e propostas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIPMAN, Matthew. *O pensamento crítico na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Educação e do Esporte do Estado do Paraná. Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná. Curitiba, 2021. Disponível em: [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-08/referencial\\_curricular\\_novoem\\_11082021.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-08/referencial_curricular_novoem_11082021.pdf). Acesso em: 23 dez. 2022. [ Links ]

SACHINSKI, Gabriele Polato; KOWALSKI, Raquel Pasternak Glitz; TORRES, Patricia Lupion. As disciplinas eletivas no Novo Ensino Médio: um possível caminho para a





Escolarização Aberta. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 23, n. 77, p. 730-745, abr. 2023 .  
Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-416X2023000200730&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2023000200730&lng=pt&nrm=iso)>  
X Encontro Nacional das Licenciaturas  
Salvador Nacional do PIBID

